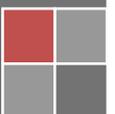


Fevereiro
2018



BOLETIM DE PETRÓLEO



1 - Cenário Econômico

No cenário internacional, o sentimento otimista do início do ano se manteve nesse mês de fevereiro. Os investidores continuam com perspectivas positivas em relação ao crescimento econômico global. A tensão geopolítica entre EUA e Coreia do Norte diminuiu e ambos os países parecem tentar uma reaproximação. As Coreias do Norte e do Sul se mostram dispostas a uma negociação, após o ditador norte-coreano, Kim-Jong-Un, enviar uma delegação olímpica para participar nas Olimpíadas de Inverno, em PyeongChang, na Coreia do Sul. As Coreias participaram sob a mesma bandeira, o que reforça a expectativa de melhora entre a relação dos dois países.

Nos Estados Unidos, os investidores globais apresentam cautela em virtude das relações cada vez mais delicadas entre os Democratas e os Republicanos, a despeito das perspectivas econômicas se mostrarem positivas. O presidente, Donald Trump, tenta prosseguir com sua agenda, após a aprovação da Reforma Tributária em janeiro. No entanto, as divergências entre os partidos americanos causaram a paralisação do governo dos EUA, uma vez que não foi possível chegar a um acordo quanto ao orçamento para 2018. Os Republicanos pedem recursos para construção de um muro na fronteira com o México, entre outras medidas anti-migratórias, enquanto os Democratas pedem a manutenção do DACA (Deferred Action for Childhood Arrivals), que protege imigrantes ilegais que chegaram aos EUA antes de completar 16 anos. Além disso, Donald Trump autorizou que o Congresso publicasse um memorando elaborado pelo partido Republicano acusando o FBI de abuso de poder contra o então candidato durante as campanhas presidenciais. Essas tensões políticas foram sentidas nos mercados acionários, com perdas nas principais bolsas norte-americanas e seus reflexos no mercado europeu.

A economia norte-americana continua mostrando sinais de crescimento. No mês de janeiro, o nível de desemprego seguiu as tendências observadas desde outubro do ano passado, permanecendo em 4,1%, de acordo com o Departamento de Trabalho dos EUA e, reforçando que o país está próximo ao nível de pleno emprego

No entanto, a criação de novos postos de trabalho tem deixado os investidores em alerta em virtude de uma possível pressão inflacionária, que atualmente se encontra ancorada em 1,5%. Com isso, o Federal Reserve (FED) anunciou aumentos graduais na taxa básica de juros. Para o ano, espera-se três aumentos consecutivos com a possibilidade de um quarto aumento adicional, o que pode refletir em uma maior procura pela moeda americana. Outrossim, o PMI Industrial do mês de fevereiro foi de 60,8 pontos, enquanto no mês de janeiro o PMI Industrial foi de 59,1 pontos. Essa variação positiva, acima dos 50 pontos, embora tenha encerrado com uma leve queda de 0,6 pontos no mês de janeiro ante o mês de dezembro, sugere que a economia dos Estados Unidos se mantém em fase de expansão.

No cenário político da Europa, há perspectiva de melhorias. Dentre os motivos, se destacam os avanços nas negociações do Brexit e a coalizão entre o Partido Social Democrata com a ala mais conservadora da primeira-ministra Angela Merkel. Na Alemanha, há um sentimento otimista entre os investidores com as novas propostas quanto ao bloco europeu. Uma das medidas do governo alemão é a criação de um Fundo Monetário Europeu, sob supervisão do Parlamento Europeu, que tem como objetivo proteger a Zona do Euro de eventuais crises. No Reino Unido, podem ser observados avanços quanto ao Brexit em relação às negociações da multa que o país deverá pagar à União Europeia. Entretanto, ainda existem divergências quanto às políticas migratórias, uma vez que a União Europeia deseja manter a livre circulação entre Irlanda e a Irlanda do Norte. A primeira-ministra, Theresa May, já se mostrou contrária à proposta, uma vez que essa medida pode se tornar uma problemática para o controle do fluxo migratório no Reino Unido.

Para os dados econômicos europeus, há indícios de um crescimento estável. A inflação na União Europeia recuou de 1,3% em janeiro para 1,2% em fevereiro, o que levou o Banco Central Europeu (BCE) a manter em 0% a taxa de juros. O PMI Industrial teve um recuo, passando de 59,6 em janeiro para 58,6 em fevereiro. Apesar dessa queda, essa pontuação ainda indica uma expansão da atividade industrial do bloco.

Na Ásia, a China apresentou uma desaceleração na atividade industrial, com o PMI Industrial tendendo para a mínima. Em fevereiro, o índice marcou 50,3 pontos ante os 51,3 pontos no mês de janeiro. Embora a atividade industrial chinesa ainda se mantenha em expansão, esse movimento para baixo se torna preocupante caso haja uma perda maior da atividade industrial e, por sua vez, uma marca inferior aos 50 pontos. Uma maior queda desse índice indica uma provável contração da economia chinesa. Apesar disso, no 4º trimestre de 2017, a China apontou um crescimento acima do projetado e encerrou o ano com aumento do PIB de 6,8%.

No âmbito nacional, o mês de fevereiro iniciou com alta volatilidade por conta das sucessivas máximas que o cenário externo promoveu no índice Ibovespa e, como consequência, trouxe o temor de uma possível bolha financeira. Nas economias internacionais houve a retomada do crescimento econômico e um aumento no volume dos fluxos comerciais e, dessa forma, o favorecimento de entrada de capitais estrangeiros em países em desenvolvimento. Com isso, os países emergentes se beneficiaram de um câmbio estável na faixa de R\$3,23, no caso brasileiro. Além disso, nos fundamentos econômicos, no mês de fevereiro, houve corte da Selic de 7% para 6,75%. Vale destacar, porém, que o Banco Central deixa em aberto a possibilidade de um corte adicional da Selic. No campo inflacionário, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de janeiro teve alta de 0,29%, abaixo da alta esperada. Esse movimento desacelerado da inflação tem reflexo na definição dos preços, o que permite uma expectativa de mais um corte na taxa de juros no curto prazo. Outro ponto, é a expectativa de aumento nas exportações, que proporcionaria uma maior demanda pela moeda

nacional e pressionaria uma valorização do real frente ao dólar, mantendo estáveis as flutuações cambiais.

Na política econômica brasileira, a demora por um ajuste fiscal efetivo causou o rebaixamento da nota de crédito pelas agências classificadoras de risco, passando de BB para BB-. A intervenção militar nos estados, reduziu a probabilidade de uma reforma da previdência a zero para o período, pois, a despeito de poder ser votada, a emenda constitucional não pode ser promulgada durante a intervenção.

Ainda, as incertezas quanto aos candidatos para as eleições à presidência e as dificuldades de mensuração das chances de vitória de candidatos que permanecerão com a mesma linha de reformas e ajustes fiscais do atual governo corroboram com a decisão das agências de *rating*. No entanto, essa queda da credibilidade não desanima os investidores que veem no país uma forte possibilidade de retomada da atividade econômica. Segundo o Boletim Focus, há uma expectativa de crescimento do PIB, com a projeção para o ano aumentando de 2,89% para 2,9%. Nesse sentido, os dados econômicos internos encontram suporte no cenário internacional e favorecem, portanto, a expansão da economia local.

2 - Preços

Em janeiro de 2018, os preços do petróleo apresentaram um valor mínimo de US\$ 66,57, máximo de US\$ 70,53 e média de US\$ 69,08. Assim, observa-se uma alta de 7,7% em relação ao mês de dezembro. No mês de fevereiro, os preços médios sofreram queda, em um movimento de ajuste. O valor mínimo registrado foi de US\$ 62,59, máximo de US\$ 69,65 e média de US\$ 65,73, o que representa queda de 4,8% em relação a janeiro.

A Agência Internacional de Energia (EIA) espera que o preço do barril de petróleo feche em US\$ 62,00 tanto em 2018 quanto em 2019, como indicado em seu boletim mensal, que teve fevereiro como mês de referência. Assim, as expectativas são de alta do preço médio do barril de petróleo se comparado a 2017, quando o preço médio foi de US\$ 54,00.

De acordo com dados do Departamento de Energia dos EUA (DoE), os estoques norte-americanos de petróleo bruto aumentaram em, aproximadamente, 3,02 milhões de barris na semana encerrada em 23 de fevereiro. Esse resultado foi maior que o esperado pelo mercado, que tinha previsão de aumento de 2,4 milhões de barris na mesma semana. O aumento dos estoques de petróleo bruto nos EUA mostra uma possível expansão da oferta global da *commodity*, o que, por sua vez, pode levar seu preço a diminuir.

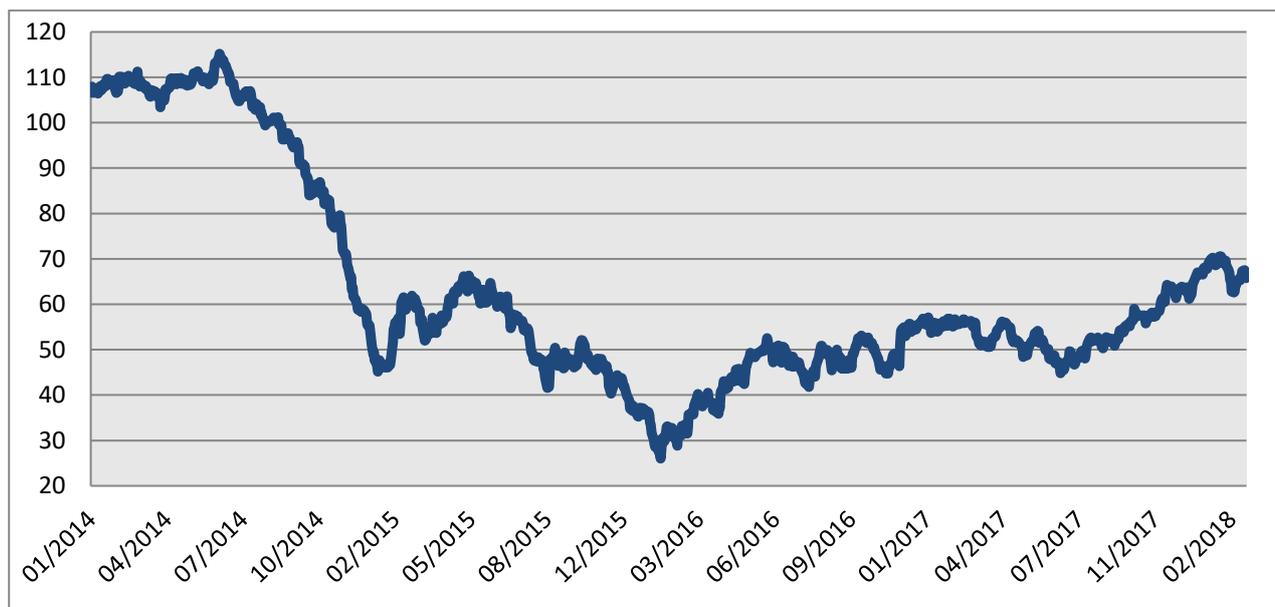
Na série histórica ilustrada no gráfico 1, percebe-se uma queda brusca do preço do barril de petróleo a partir do segundo semestre de 2014, passando da máxima de US\$ 113,74 em junho de 2014

para US\$ 45,13, em janeiro de 2015. Em janeiro de 2016, o Brent chegou ao valor mínimo de US\$ 26,01 por barril. Ainda assim, a *commodity* vem mostrando uma tendência gradual de alta desde então, passando por oscilações pontuais.

O gráfico 2 mostra a correlação entre as variáveis preço do petróleo e taxa de câmbio. Verifica-se uma correlação negativa de 0,9 entre fevereiro de 2014 e janeiro de 2018.

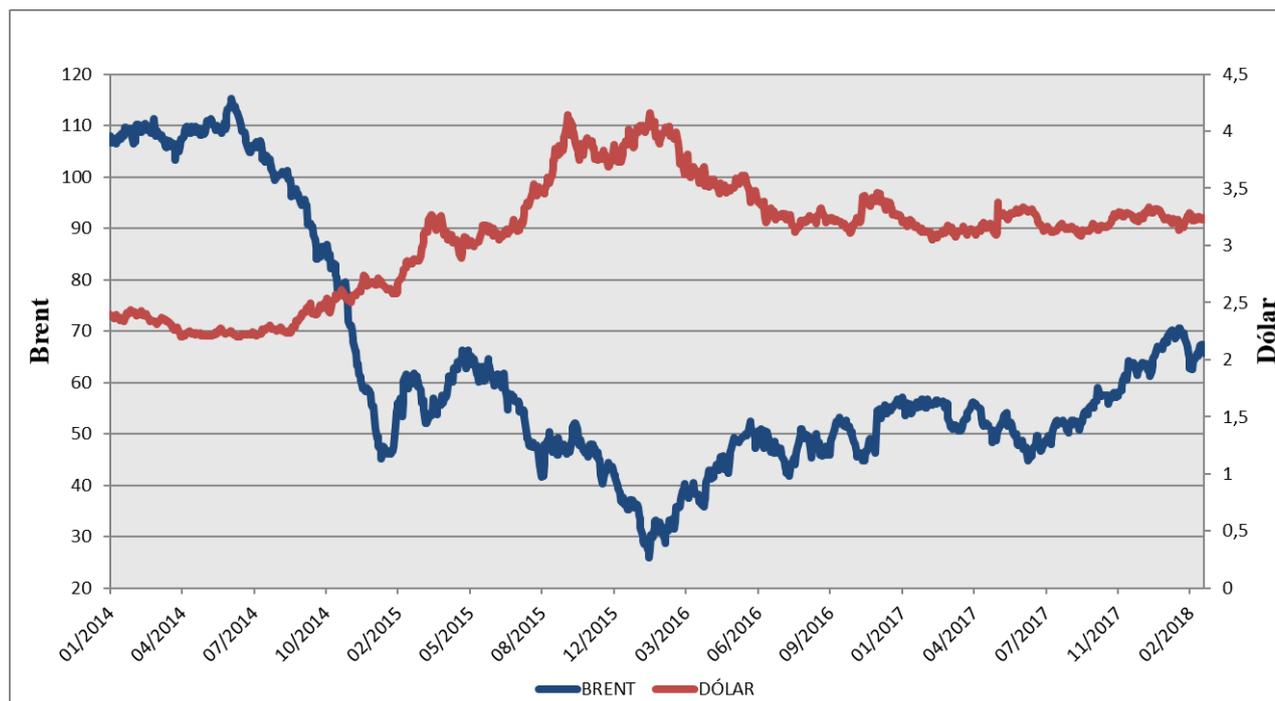
De acordo com o Boletim Focus de 23 de fevereiro de 2018, a expectativa é que o Dólar encerre o ano de 2018 cotado a R\$ 3,30. Assim, o Banco Central mantém suas estimativas de leve desvalorização do Real frente ao Dólar. Esse movimento pode ser associado às incertezas do mercado quanto ao cenário interno, principalmente quanto à situação político-econômica do país, que levam os investidores a realocarem seus recursos em divisas mais seguras, como o Dólar. A média do câmbio no mês de janeiro foi de R\$ 3,21, aumentando para R\$ 3,24 no mês de fevereiro, o que indica essa tendência de alta do Dólar.

Gráfico 1 – Preço do Brent



Fonte: Elaboração GOP com base em dados do The Ice

Gráfico 2 – Brent x Dólar



Fonte: Elaboração GOP com base em dados do The Ice e Banco Central do Brasil

3 - Demanda

De acordo com os dados da OPEP, a demanda global de petróleo cresceu 1,6 milhões de barris por dia (MMb/d) em 2017. Para o ano de 2018, a expectativa é que o consumo global aumente para 98,6 MMb/d. Hoje, essa demanda encontra-se fixada em 97,01 MMb/d. Já segundo a EIA, o consumo global de petróleo cresceu 1,4 MMb/d em 2017 e atingirá, em 2018, uma média de 98,4 MMb/d. Esse aumento na demanda pelo petróleo está alinhado com a perspectiva de crescimento econômico dos membros e não membros das Organização de Cooperação Econômica e Desenvolvimento (OCED) tanto pela OPEP quanto pela EIA.

Esse mês, houve uma revisão positiva da demanda dos integrantes da OCED na América do Norte. Os Estados Unidos permanecem como o maior demandante da *commodity* e, portanto, um aumento na demanda de petróleo em torno de 630 mil barris por dia (Mb/d) é explicado pelo crescimento sustentável da economia norte-americana e, também, pelo inverno mais rigoroso, que aumenta a demanda pelos produtos derivados do petróleo. Sendo assim, a perspectiva nos EUA é de um maior consumo. É claro que tanto o desenvolvimento econômico como também o preço do petróleo tem impacto no transporte rodoviário e nas indústrias relacionadas ao setor. Segundo a

OPEP, há uma estimativa de aumento da demanda de 1,02 %, o que corresponde a aproximadamente 21 Mb/d nos EUA em 2018.

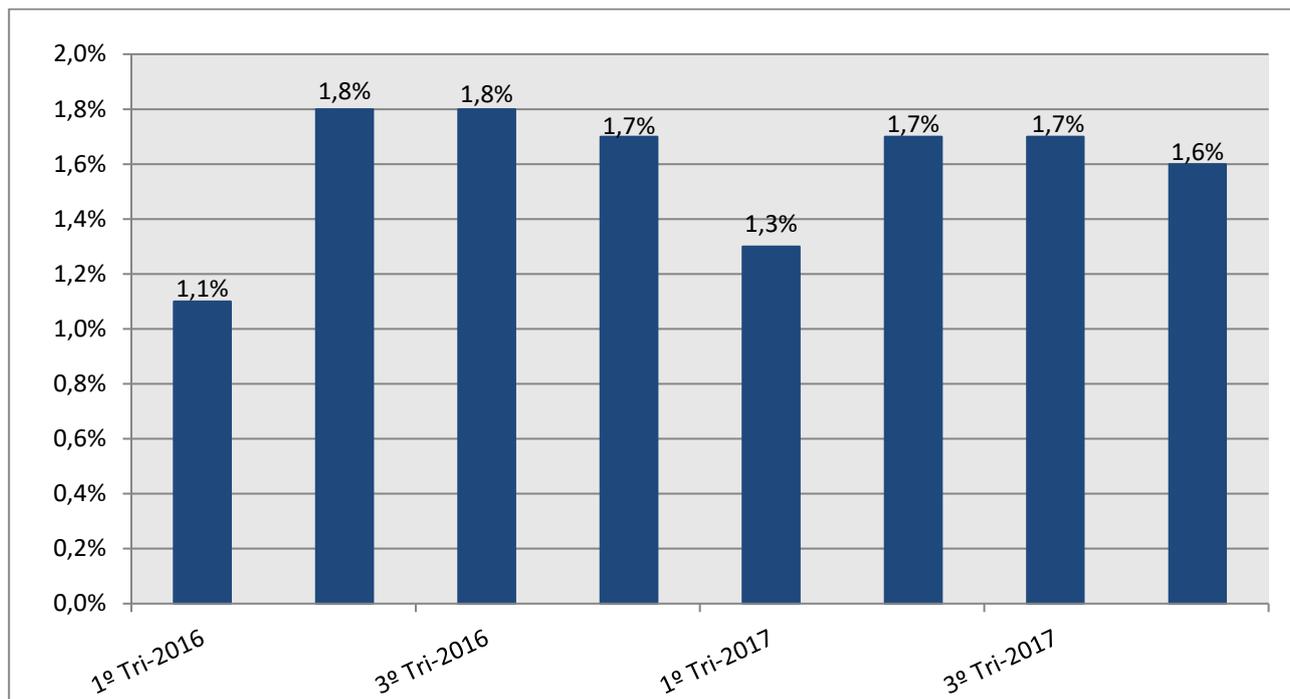
Dentre os países em desenvolvimento que não são membros da OCED, de acordo com a OPEP, a Índia ganha destaque com um consumo médio de 4,65 MMb/d em 2018 ante um consumo de 4,47 MMb/d em 2017. Em outras regiões, a China é a principal demandante da *commodity*, com um crescimento na demanda de 420 Mb/d para o ano.

Já a EIA espera que ocorra em média um consumo de 1,7 MMb/d em 2018 e 2019, impulsionado, principalmente, pelos países que não estão integrados na Organização de Cooperação Econômica e Desenvolvimento (OCED). A estimativa é que esses países sejam responsáveis pelo consumo de cerca de 1,2 MMb/d e 1,3 MMb/d quanto ao crescimento total em 2018 e 2019, respectivamente. A EIA acredita que a Índia e a China serão as maiores consumidoras de petróleo, assim como estima a OPEP.

A EIA espera que a China tenha um aumento no consumo de 400 Mb/d em 2018 e de 380 Mb/d em 2019. Esse aumento na demanda reflete as expectativas de aumento de produtos derivados do petróleo dado a expansão econômica do país. Na Índia a previsão é de uma expansão do consumo de aproximadamente 300 Mb/d em 2018 e 2019. Para os membros da OCED, a EIA estima um aumento de 500 Mb/d em 2018 e 400 Mb/d em 2019, sendo os Estados Unidos um dos maiores consumidores.

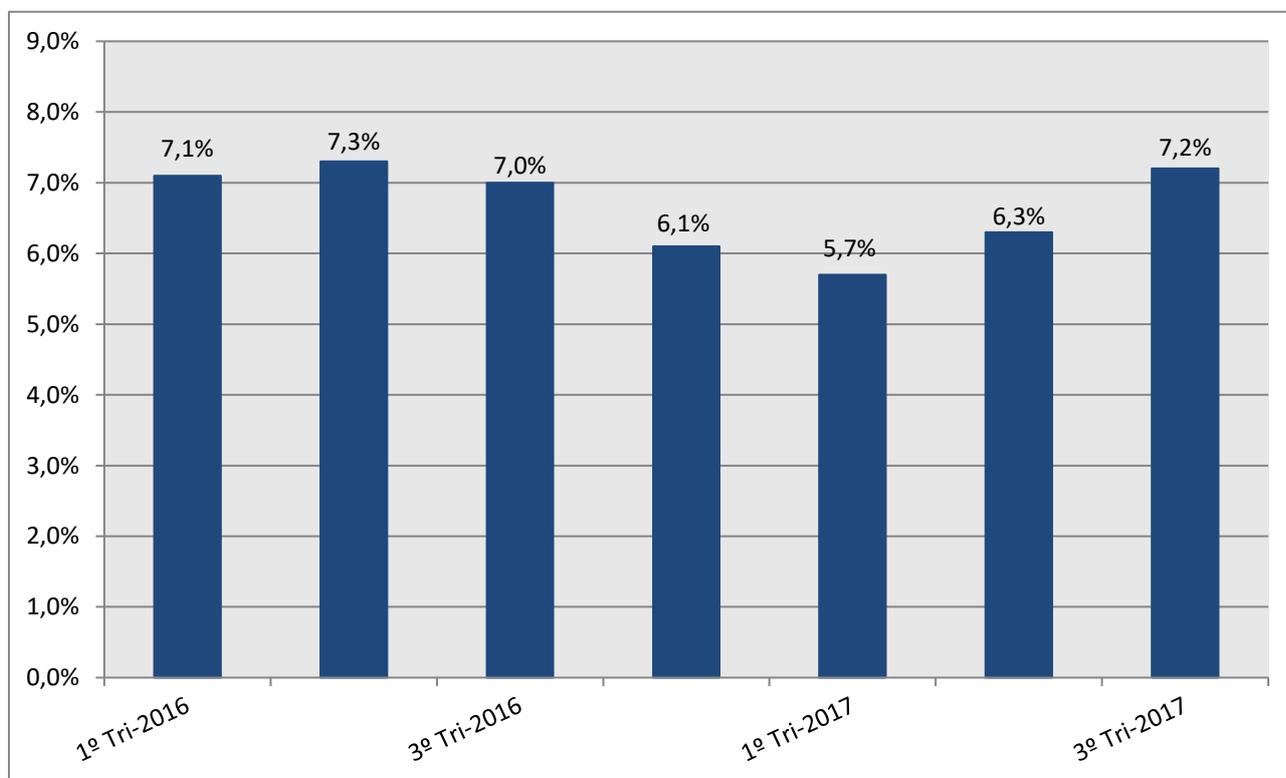
Diante do exposto, conclui-se que a OPEP e a EIA estão de acordo com o aumento na demanda mundial por petróleo. Vale ressaltar que, para ambos, as principais regiões são Índia, China e os EUA, e, portanto, qualquer choque adverso nessas economias tem reflexo direto na demanda global e, como consequência, no equilíbrio com a oferta dessa *commodity* e no seu preço. Para tanto, está configurado nos gráficos 3 e 4 a retomada da atividade econômica da China e da Índia, respectivamente.

Gráfico 3 – Produto Interno Bruto (PIB) – China



Fonte: Elaboração GOP com base em dados do Broadcast

Gráfico 4 – Produto Interno Bruto (PIB) – Índia



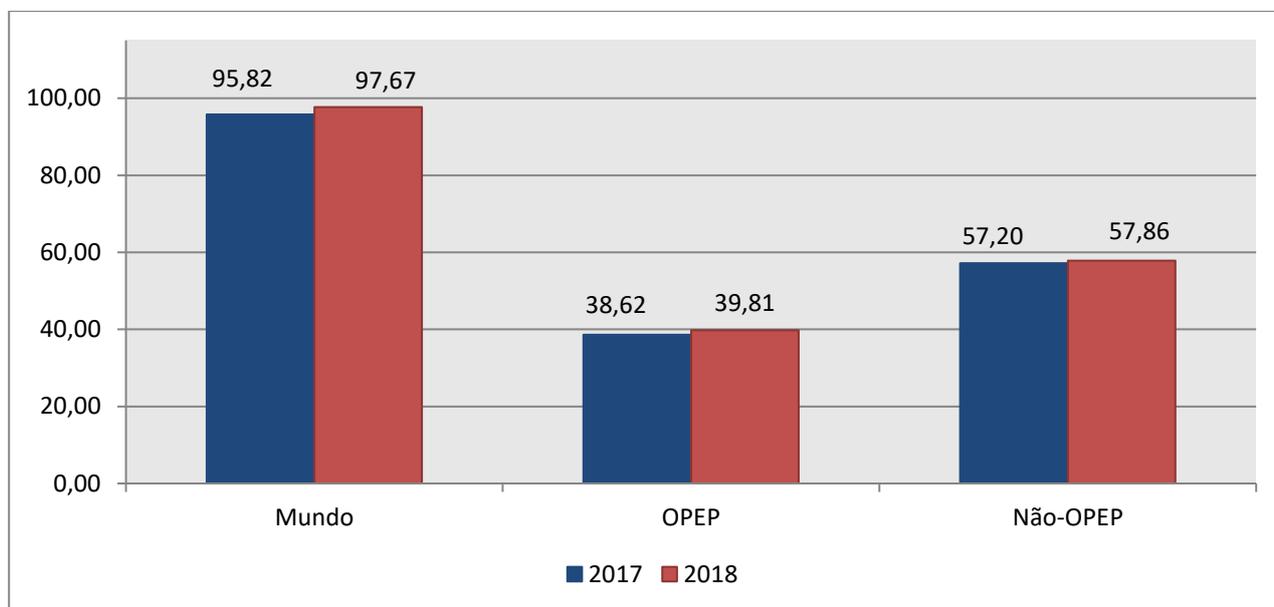
Fonte: Elaboração GOP com base em dados do Broadcast

4 – Oferta

4.1 - Estimativa Relatório OPEP

Segundo a OPEP, a oferta mundial de petróleo em janeiro de 2018 aumentou em 350 Mb/d em relação a dezembro do ano passado, chegando a uma média de 97,67 MMb/d. Assim, a oferta global de petróleo mostra, em janeiro, um aumento de 1,85 MMb/d quando comparada a de janeiro de 2017. Os países integrantes da organização produziram 39,81 MMb/d, caracterizando um aumento de 1,19 MMb/d em relação a 2017. Já os países que não fazem parte da OPEP tiveram uma participação de 57,86 MMb/d, configurando um acréscimo de 660 Mb/d, na comparação de igual período de 2017. O gráfico 5 ilustra tais afirmações.

Gráfico 5 – Estimativa de produção relatório OPEP

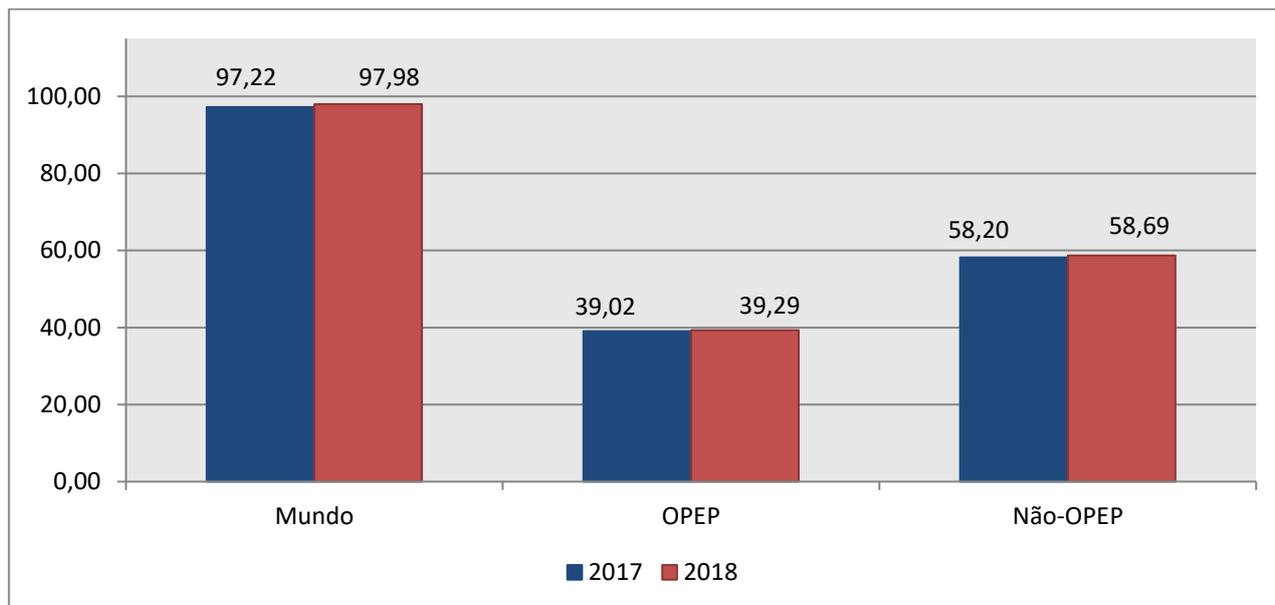


Fonte: Elaboração GOP com base em dados da OPEP/EIA

4.2 - Estimativa Relatório EIA

De acordo com o relatório de fevereiro da EIA, a produção global de petróleo foi de 97,98 MMb/d na média do ano de 2017. Para 2018, a estimativa é que sejam produzidos, em média, 100,43 MMb/d. Os países que fazem parte da OPEP foram responsáveis por 39,29 MMb/d do total, da produção de 2017. Países que não fazem parte da OPEP foram responsáveis por 58,69 MMb/d em fevereiro, mostrando aumento de 490 Mb/d quando comparado ao mesmo período em 2017. O gráfico 6 ilustra as variações ano-ano que podem ser observadas na produção mundial.

Gráfico 6 – Estimativa EIA



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da OPEP/EIA

4.3 - OPEP x EIA

Assim, fazendo um comparativo entre os resultados divulgados pela OPEP e pela EIA em relação à oferta de petróleo em fevereiro de 2018, pode-se dizer que:

- 1- Ambas as agências registraram crescimento da oferta global em 2018, na comparação com o ano de 2017;
- 2- A OPEP divulgou um aumento da produção de seu bloco maior que aquele observado pela EIA. Além disso, todas as projeções da OPEP mostram aumentos superiores àqueles divulgados pela EIA.
- 3- A OPEP registrou avanço na oferta dos países não integrantes de seu bloco, bem como a previsão da EIA.

Logo, tendo em vista o exposto acerca dos resultados finais da demanda e oferta do mês de fevereiro, pode-se concluir que a OPEP e a EIA estão de acordo em suas análises e demonstraram que houve crescimento tanto da demanda quanto da oferta global na variação anual entre fevereiro de 2017 e 2018.

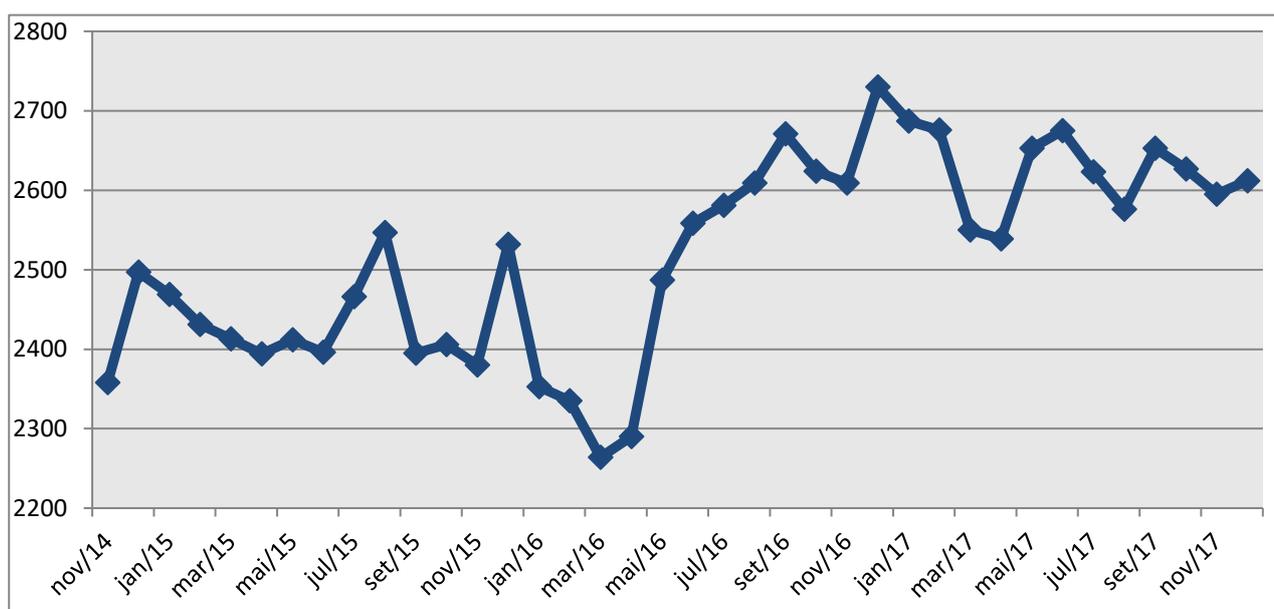
5 – Brasil

5.1 - Produção

Conforme divulgado pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção brasileira de petróleo no mês de dezembro de 2017 ocorreu em 7.990 poços, sendo 743 marítimos (*offshore*) e 7.247 terrestres (*onshore*). Em comparação com o mês anterior, houve uma diminuição líquida de 24 poços em operação – entrada de 11 poços *offshore* em atividade com a interrupção de 35 poços *onshore*. A quantidade de poços *offshore* representa menos de 10% do total, ainda assim, cerca de 95,5% do resultado local têm origem no mar.

A produção nacional em dezembro registrou 2,612 MMb/d, configurando um aumento de 0,7% em relação ao mês de novembro. Tal afirmação pode ser observada na série histórica do Gráfico 7.

Gráfico 7 – Histórico de produção de petróleo (em Mb/d)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

Esse acréscimo no resultado, em comparação com o mês anterior, não é um fenômeno isolado. Pelo menos nos últimos três anos o produto do mês de dezembro é superior ao de novembro, provavelmente devido à demanda da atividade econômica em fins de ano. No entanto, essa expansão na produção é a menor vista desde 2014, período em que se atingiram acréscimos acima dos 4%.

A extração contabilizada em dezembro de 2017 foi 4,3% inferior à verificada em dezembro de 2016. É importante lembrar que esse último mês de 2016 alcançou um desempenho excepcional – trata-se de um recorde na produção nacional de petróleo, marca de 2,73 MMb/d.

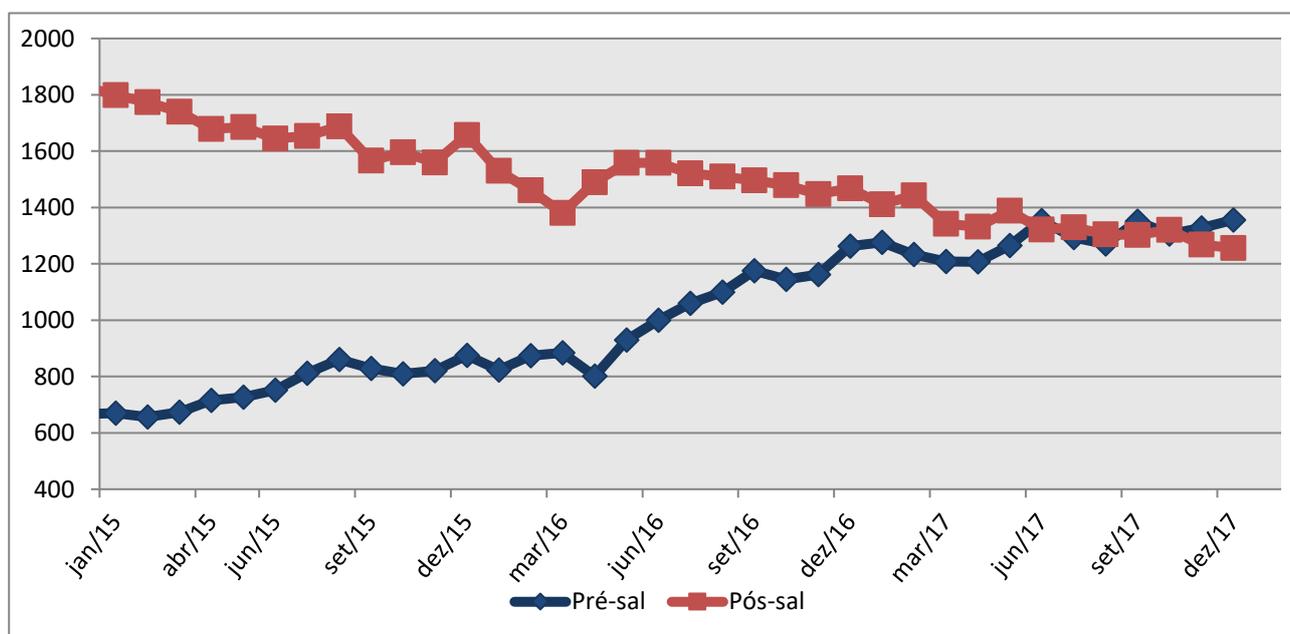
A produção no mês de dezembro de 2017 foi ligeiramente inferior à média do ano, que bateu 2,622 MMb/d. A quantidade produzida no ano inteiro atingiu 957 milhões de barris, uma quantidade 4% superior ao agregado do ano 2016.

5.2 - Pré-Sal x Pós-Sal

No mês de dezembro de 2017, a produção nacional com origem no pré-sal foi de 1,356 MMb/d. Tendo 85 poços em operação, o resultado do pré-sal representa quase 52% do total produzido no Brasil. Em relação a novembro do mesmo ano, a extração nos campos mais recentes aumentou 2,19%.

A produção nacional com origem no pós-sal foi de 1,256 MMb/d, o que equivale a 48,1% do produto nacional. Este número reflete uma queda de 0,9% na comparação com o mês de novembro.

Gráfico 8 – Evolução da produção do Pré-Sal e do Pós-Sal (em Mb/d)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

O Gráfico 8 demonstra a tendência de queda no pós-sal, movimento influenciado, em especial, pelo grau de maturidade atingido por seus campos. Por outro lado, a curva relacionada ao pré-sal vem registrando crescimento ao longo dos últimos anos, ultrapassando a produção originária no pós-sal pelo segundo mês consecutivo, algo que já havia ocorrido nos meses de junho e setembro de 2017.

Cabe destacar, ainda, que o aumento da produção nacional no mês em questão está diretamente atrelado ao aumento do resultado advindo do pré-sal. À título de ilustração, o Estado de São Paulo demonstra com clareza a mudança ocorrida na indústria doméstica a partir da descoberta e da viabilidade econômica do pré-sal. No fim de 2010, São Paulo contribuía com 1% da produção de

óleo no Brasil. Sete anos depois, o mesmo estado já oferece cerca de 13% do produto nacional, tendo somente 6 campos em atividade.

5.3 - Estados Produtores

Atualmente, o Brasil possui dez (10) estados produtores de petróleo, sendo Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Rio Grande do Norte e Bahia os cinco maiores. Detentores dos campos mais produtivos, os estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo juntos representam 95,26% do resultado no setor.

De acordo com a ANP, o Estado do Rio de Janeiro possui maior destaque, pois foi responsável por 68% da produção nacional no mês de dezembro de 2017. É evidente a importância da indústria do petróleo para o Estado, visto que o somatório da produção dos outros quatro maiores produtores representa 45% da produção fluminense.

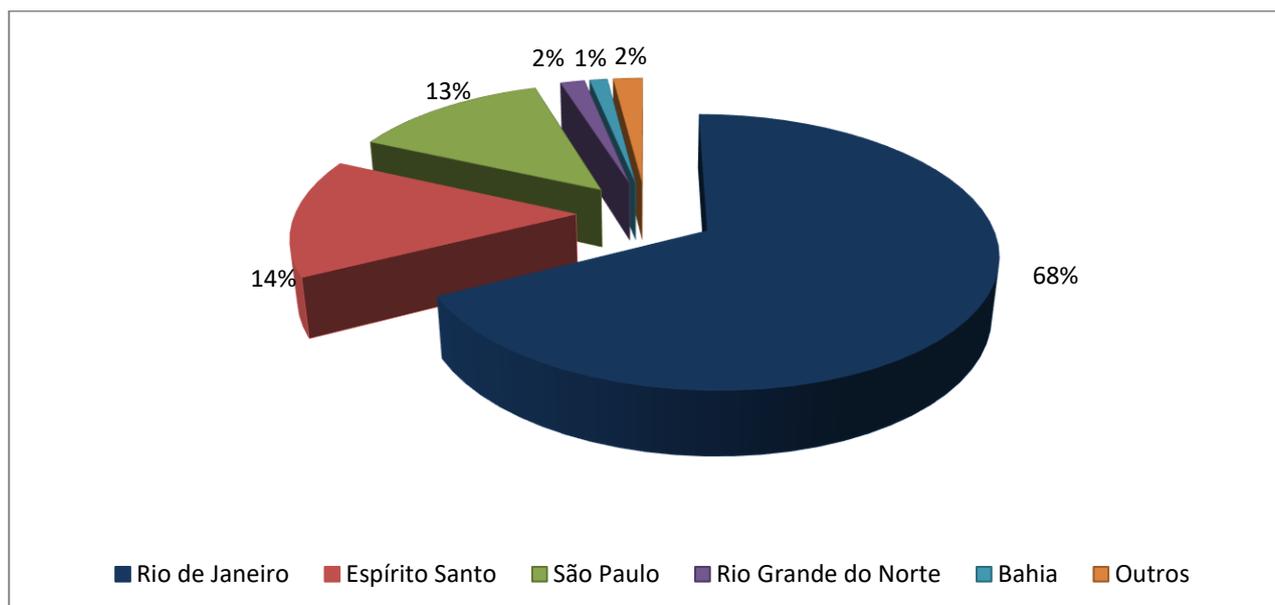
O Estado de São Paulo contou com apenas seis (6) poços em operação no mês de dezembro. Esses poços apresentam elevado grau de rendimento; conduzindo, assim, o estado à posição de terceiro maior produtor do Brasil. O Quadro 1 e o Gráfico 9 trazem tais disposições.

Quadro 1 – Distribuição da Produção por Estado

ESTADO	PRODUÇÃO (em b/d)	Nº CAMPOS PRODUTORES
Rio de Janeiro	1.764.854	41
Espírito Santo	375.643	51
São Paulo	348.033	6
Rio Grande do Norte	43.152	77
Bahia	31.324	82

Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

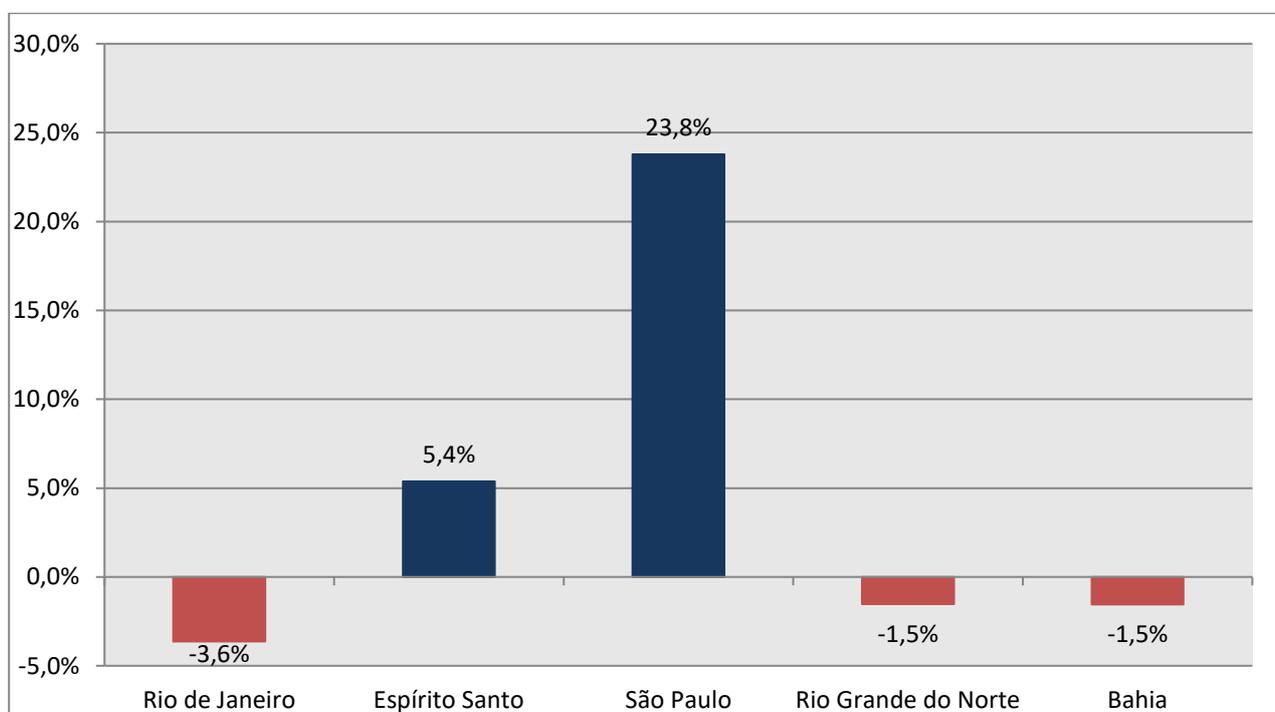
Gráfico 9 – Estados produtores (% da produção nacional)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

No item 5.2, verificou-se que o aumento da produção nacional em dezembro de 2017 foi influenciado pelo avanço no pré-sal. Da mesma forma que a extração no pré-sal e no pós-sal apresentaram tendências opostas, a comparação entre os meses de novembro e dezembro não teve uma direção única no que tange à produção dos estados.

Gráfico 10 – Variação percentual da Produção dos Principais Produtores Estaduais



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

A extração nos estados do Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Norte caíram 3,63%, 1,55% e 1,53% respectivamente. É possível traçar um paralelo entre o resultado negativo dos estados da região nordeste com a diminuição de uma área produtiva em cada estado. De qualquer maneira, o impacto no valor agregado do mês é muito pequeno – cerca de mil barris por dia. Já o Rio de Janeiro manteve o mesmo número de áreas produtoras em atividade; e, ainda assim, apresentou uma queda na produção superior a 66 Mb/d.

Os destaques do mês foram os estados do Espírito Santo e de São Paulo, que tiveram resultado positivo, compensando as reduções vistas nos demais grandes produtores. A produção capixaba recebeu o ingresso de dois campos em atividade, e aumentou a produção em 5,38%. Os campos paulistas tiveram o reforço de mais uma área produtora, de modo que o resultado alcançou um ganho de 23,78%, uma alta bem significativa. Em valores absolutos, o expressivo incremento na extração paulista compensou a queda na região fluminense.

5.4 - Bacias

Grande parte das jazidas brasileiras de petróleo estão situadas em bacias sedimentares, sendo a maioria em locais marítimos de águas profundas. As bacias não se restringem apenas a uma unidade federativa, podendo abranger dois ou mais estados. Hoje em dia a produção nacional é oriunda de doze (12) bacias, das quais se destacam a Bacia de Campos – ES/RJ; a Bacia de Santos – PR/RJ/SP; a Bacia Potiguar – CE/RN; a Bacia do Espírito Santo – ES e a Bacia do Recôncavo – BA.

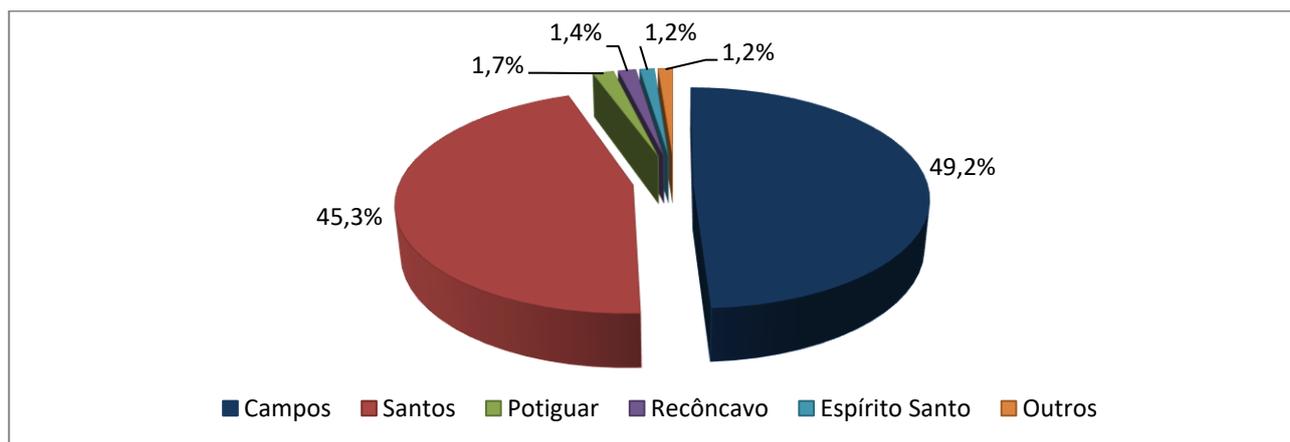
A Bacia de Campos e a Bacia de Santos somaram no mês observado cerca de 94% da produção nacional, o que comprova a extrema concentração na capacidade produtiva do país. O Quadro 2 e o Gráfico 11 evidenciam essa convergência no produto local.

Quadro 2 – Distribuição da Produção por Bacia

BACIA	PRODUÇÃO	Nº CAMPOS PRODUTORES	LOCALIZAÇÃO
Campos	1.275.492	45	Espírito Santo/Rio de Janeiro
Santos	1.175.620	10	Paraná/Rio de Janeiro/São Paulo
Potiguar	44.332	79	Ceará/Rio Grande do Norte
Espírito Santo	37.418	43	Espírito Santo
Recôncavo	30.861	77	Bahia

Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

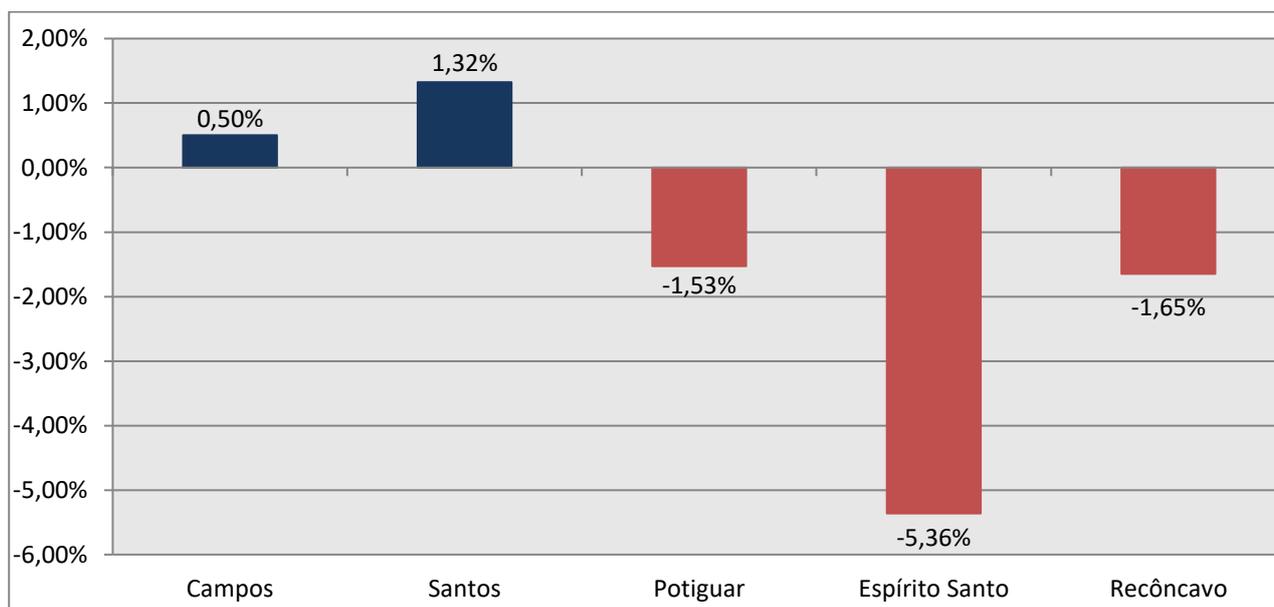
Gráfico 11 – Produção de Petróleo por Bacia



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

No mês em análise, como já mencionado, a ANP divulgou a produção nacional de 2,612 MMb/d, um acréscimo em relação à produção de novembro. A ênfase no avanço da produção total do mês de dezembro pode ser atribuída às bacias de Campos e de Santos.

Gráfico 12 – Variação de Produção das Principais Bacias (dez/nov)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

A Bacia de Campos teve mais um campo em operação, juntamente com a Bacia de Santos. Por outro lado, tanto a Bacia Potiguar quanto a Bacia do Recôncavo perderam uma área em atividade produtiva, o que pode explicar a redução de 1,53% e 1,65% respectivamente.

O que merece destaque é a redução da produção na Bacia do Espírito Santo, uma vez que houve um acréscimo na quantidade de campos em operação. A Plataforma Cidade de Vitória, que

atua no campo Canapu/Golfinho, teve redução na produção em torno de 2 Mb/d. Como a produção total na Bacia do Espírito Santo não é tão grande, a queda no resultado da plataforma gerou um impacto relevante no agregado da Bacia.

As Bacias de Campos e de Santos acrescentaram, respectivamente, cerca de 6 Mb/d e 15 Mb/d ao resultado global da produção nacional.

5.5 - Campos

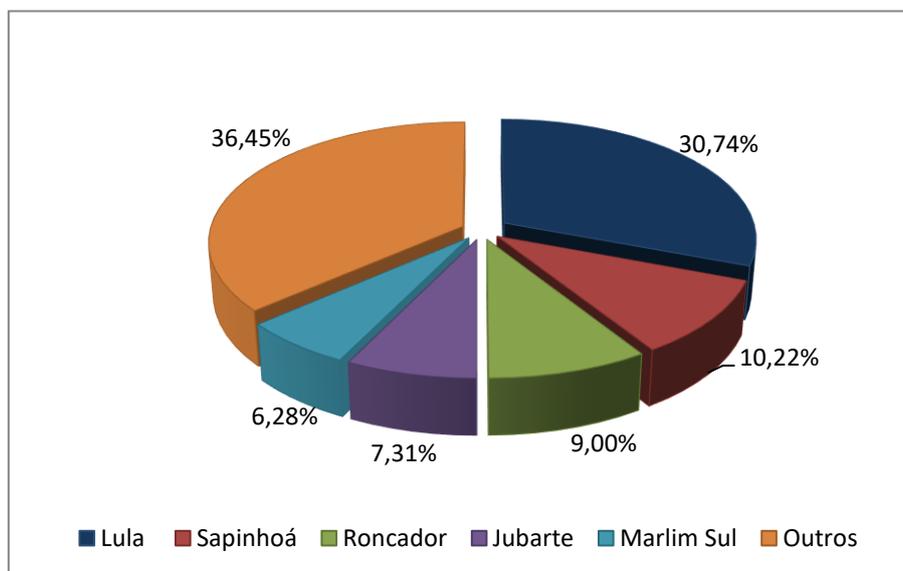
No que concerne aos campos, pode-se destacar os cinco maiores produtores: Lula, Sapinhoá, Roncador, Jubarte e Marlim Sul. Os cinco campos juntos somaram no mês de dezembro cerca de 64% da produção de petróleo operada no país, e estão concentrados nas Bacias de Santos e de Campos, como retratado no Quadro 3.

Quadro 3 – Distribuição da Produção por Campo

CAMPO	PRODUÇÃO (Mb/d)	LOCALIZAÇÃO
Lula	803	Santos
Sapinhoá	267	Santos
Roncador	235	Campos
Jubarte	191	Campos
Marlim Sul	164	Campos

Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

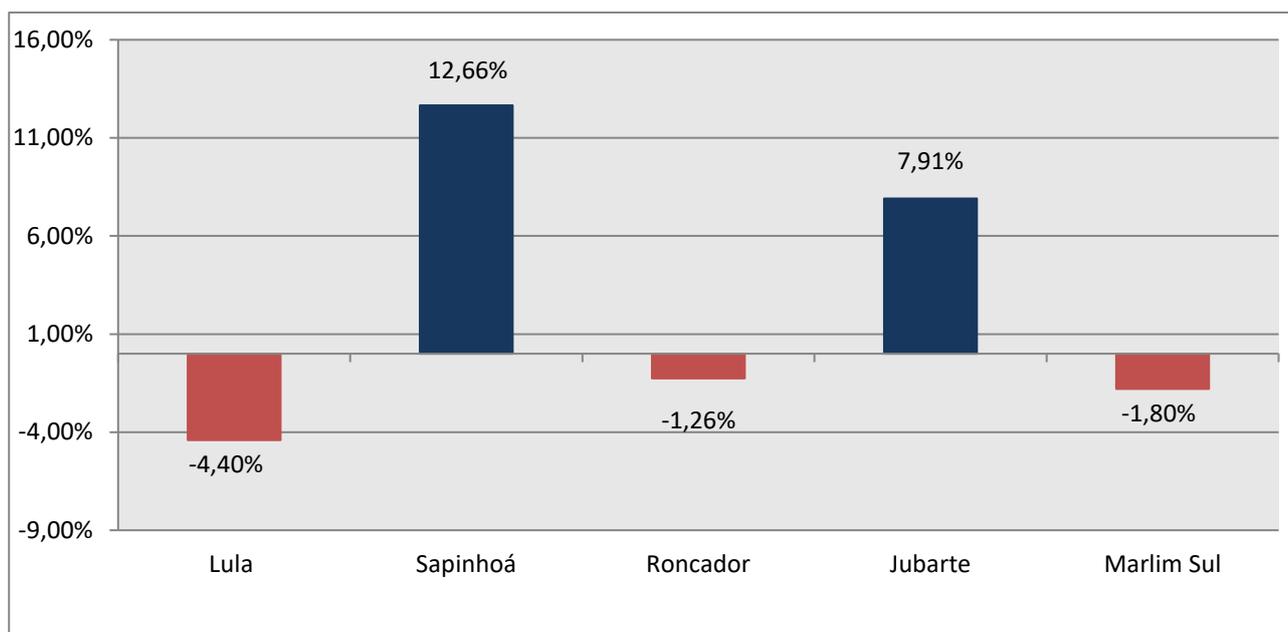
Gráfico 13 – Produção de Petróleo por Campo (% da produção total)



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

O campo de Lula, na Bacia de Santos, possui maior destaque dentre os citados. A produção de petróleo dessa área foi de mais de 803 Mb/d no mês de dezembro de 2017. Isto representa aproximadamente 31% do resultado nacional no período, conforme ilustrado no Quadro 3 e no Gráfico 13.

Gráfico 14 – Variação percentual de produção dos principais Campos



Fonte: Elaboração GOP com base em dados da ANP

Sapinhoá, localizado no Estado de São Paulo, é o campo em destaque no mês de dezembro. Essa área retomou a posição de segundo maior produtor nacional, perdida no mês anterior para o campo de Roncador. Verificou-se o aumento de mais de 12% no resultado desse campo. Isso se deve à entrada em atividade de mais um poço na Plataforma Cidade de Ilha Bela, que auferiu um ganho de produção de quase 30 Mb/d, recuperando patamares do mês de outubro.

O campo de Lula, maior produtor nacional de petróleo, teve uma queda de mais de 4% no resultado de dezembro. Em termos absolutos são quase 40 Mb/d. Ficou evidente um forte recuo na produção das plataformas FPSO Cidade de Maricá e FPSO Cidade de Mangaratiba, que atuam no campo. A primeira, que teve um poço a menos em atividade, reduziu o produto em mais de 20 Mb/d; e a segunda, em quase 30 Mb/d. Portanto, a atividade nessas duas unidades produtoras gerou um forte impacto no resultado agregado do campo mais produtivo do país.

O campo de Jubarte, localizado na Bacia de Campos, teve um avanço de quase 8% na produção. É possível que o avanço nesse campo tenha relação com a melhora no resultado da

Plataforma Petrobras 58, que, após uma queda em torno de 3% no mês anterior, recuperou uma produção de aproximadamente 150 Mb/d.

Se o ano de 2017 não apresentou taxas de crescimento mensal tão vigorosas como o ano de 2016, pelo menos sustentou a produção em patamares alçados pelo ano anterior, de modo que a produção nacional variou entre 2,5 e 2,7 MMb/d.

O resultado agregado do mês de dezembro de 2017 para a indústria nacional de petróleo indica um crescimento de 0,7% na produção em relação ao mês anterior. É possível afirmar que esse saldo positivo foi impulsionado, mais uma vez, pelo incremento na produção do pré-sal.

Os campos de Sapinhoá (pré-sal) e Jubarte (pré-sal/pós-sal) capitanearam o resultado do mês, uma vez que ambos determinaram a direção positiva traçada pelas Bacias de Santos e de Campos, direção refletida nos rendimentos também positivos dos Estados de São Paulo e do Espírito Santo, movimento global que compensou os números negativos no campo de Lula e no Estado do Rio de Janeiro, os maiores produtores nacionais.

Glossário

MMb/d: milhões de barris por dia

Mb/d: milhares de barris por dia

Bibliografia

OPEP: Organização dos Países Exportadores de Petróleo.

EIA: Energy Information Administration - Vinculada ao Departamento de Energia norte-americano.

ANP: Agência Nacional de Petróleo.

Gerência de Operações e Planejamento

Gerente de Operações e Planejamento

Kelli Manhães Pessanha

Coordenadores

Bruno Luís Lacerda dos Santos

Rodrigo Santos Martins

Equipe Técnica

Alisson José Ramos Batista

Ângela Maria Monteiro Pandolfo

Flávio Carramanhos Werneck

Juliana Chaves Monteiro

Luís Carlos Sirico Junior

Nicholas Ribeiro da Costa Cardoso

Pedro Daflon Fraiz

Priscila Ramalho do Valle Gonçalves

Rafael de Macedo Zappa

Teresa Luiza da Silva Dias

Thaynara Rodrigues Bastos

Vinícius da Silva Peixoto